

## Quem era o tal de discípulo amado citado no Evangelho de João?

“Todas as afirmações em matéria de Teologia são e sempre o foram arraigadas no cérebro, e dificilmente podem ser removidas; e enquanto aí estiverem a verdade não encontrará lugar.” (EMANUEL SWEDENBORG)

“Em minha opinião, as pessoas deveriam usar sua inteligência para avaliar o que consideram verdadeiro e falso na Bíblia.” (BART D. ERHMAN)

A primeira questão que poderíamos colocar é: algum discípulo, dentre os que seguiam Jesus, tinha posição privilegiada perante ele? Que os cristãos, que aceitam orientação de uma instituição hierarquizada, que os obriga a acatar seus dogmas, acreditem nisso é aceitável; porém, a uma pessoa que se considera com entendimento suficiente para ler e tirar sua própria conclusão, isso não faz sentido algum, pois, se *“Deus não faz acepção de pessoas”* (Atos 10,35; 15,9; Romanos 2,11; Gálatas 2,56; Efésios 6,9; Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17) Jesus, Seu enviado, não poderia agir de forma diferente. Ademais, lemos que: *“[...] depois de ter amado os seus do mundo, **amou-os até o extremo.**”* (João 13,1) e *“Como o Pai me amou, **eu vos amei: [...].**”* (João 15,9), demonstrando, claramente, que o Mestre amava a todos de igual modo; não excepcionando ninguém.

Em ***A Caminho da Luz***, Emmanuel, a certa altura, informa:

**Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias.** Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade. <sup>(1)</sup> (grifo nosso)

Se é que existiu algum discípulo que possa ter merecido algum tratamento especial, por que razão ele não seria Pedro? Não foi a ele que Jesus disse: *“[...] tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja [...].”* (Mateus 16,18) e *“[...] Apascenta as minhas ovelhas.”* (João 21,17)

Inclusive, Pedro é o único nominalmente citado pelo anjo, que se encontrava no

---

<sup>1</sup> XAVIER, *A Caminho da Luz*, p. 212.

túmulo de Jesus, para que as mulheres o avisassem “em particular” que o Mestre havia ressuscitado dos mortos (Marcos 16,5-7).

Ademais, não foi a ele, segundo se acredita no meio católico, que Jesus entregou o comando de todos os outros, ou, como está em Mateus 16,19, “*as chaves do Reino dos céus*”? Estamos dizendo isso tomando como base no que o exegeta Bart D. Ehrman (1955- ), em *Jesus existiu ou não?*, diz “Cefas era, comprovadamente, Simão Pedro (ver João 1:42), **o discípulo mais próximo de Jesus.**” <sup>(2)</sup> (grifo nosso) E, especificamente, no tópico “O discípulo Pedro”, explica-nos:

**Pedro não era simplesmente um membro dos doze discípulos** que, segundo todas as nossas tradições evangélicas, Jesus escolheu como seus companheiros mais próximo [...]. Ele era membro de um círculo interno ainda mais fechado composto de Pedro, Tiago e João. Nos Evangelhos, esses três passam mais tempo com Jesus do que qualquer outra pessoa durante todo o seu ministério. E desses três, novamente **segundo todas as tradições, Pedro era o mais próximo. Em quase todas as nossas fontes, Pedro era o companheiro e confidente mais íntimo de Jesus durante todo o seu ministério após seu batismo.** <sup>(3)</sup> (grifo nosso)

Ehrman está certo, pois, realmente, os relatos bíblicos apontam para essa presença constante junto a Jesus dos três discípulos - Pedro, Tiago e João -, que, conforme os relatos registram, estão presentes: na cura da sogra de Pedro (Marcos 1,29), na cura da filha de Jairo (Marcos 5,37); na transfiguração (Marcos 9,2) e no Getsêmani, no momento de maior angústia de Jesus (Marcos 14,33).

Julgamos que essa constante presença dos três não se tratar de privilégio algum, mas, provavelmente, por serem eles os doadores de “ectoplasma”, energia a qual Jesus manipulava para realizar suas curas, e que também foi fundamental no episódio da materialização dos Espíritos Moisés e Elias, no monte Tabor, fenômeno conhecido como “a transfiguração”.

Então, cabe a inevitável questão: Se Pedro era o “discípulo mais próximo” de Jesus por qual motivo aquele designado de “discípulo amado” não seria ele, mas um outro?

O Tiago aqui citado, trata-se do que era filho de Zebedeu e irmão de João, designado como “Tiago, o Maior”, que foi preso em 42 d.C. e morto por Herodes Agripa I em 44 d.C. (Atos 12,2) <sup>(4)</sup>; essa informação é importante, pois são mencionados outros dois personagens com esse nome, são eles: Tiago (*o Menor*), filho

<sup>2</sup> EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 145.

<sup>3</sup> EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 145-146.

<sup>4</sup> MONTORIL, M. *Tiago Maior, o apóstolo de Jesus Cristo na Espanha*, disponível em <http://montorilaraujo.blogspot.com.br/2011/07/tiago-maior-apostolo-de-jesus-cristo-na.html>.

de Alfeu e Tiago (*o Justo*), o irmão do Senhor, que, em 49, na cidade de Antioquia, decidiu a polêmica sobre a obrigação dos gentios cumprirem regras judaicas, antes de se tornarem cristãos.

Esse Tiago, irmão do Senhor, junto com Pedro e João, foram, conforme testemunha Paulo de Tarso, “reputados colunas” (Gálatas 2,9), ou seja, os que lideravam a igreja primitiva. Portanto, ao que tudo indica, ele ocupou o lugar do anterior junto ao trio. Segundo os enciclopedistas Russell Norman Champlin (1933-2018) e João Marques Bentes (1932- ) em ***Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia***, ele “se tornou líder da Igreja de Jerusalém” <sup>(5)</sup>, provavelmente por ter algum prestígio entre os cristãos primitivos.

O que percebemos foi que se aponta tão somente a questão de tradição, essa, por certo, de viés totalmente católico, para a designação do “discípulo amado” referir-se a João, o evangelista; porém, ela carece de uma base bíblica segura com a qual essa identificação se apresente de forma clara e indiscutível. Aliás, para nós, João é o candidato com menor chance de ser, dentre os possíveis, que aqui mencionados.

Explica-nos R. N. Champlin, em ***O Novo Testamento interpretado versículo por versículo***, que:

[...] **Alguns estudiosos creem que o apóstolo João referiu-se indiretamente a si mesmo**, dessa maneira, ufanando-se em sua especial relação de amizade com o Senhor Jesus, ainda que, ao mesmo tempo, por motivo de humildade, não tivesse querido mencionar o seu próprio nome. [...].  
(<sup>6</sup>) (grifo nosso)

Crer, podem crer, no que quiserem, dada a liberdade de opinião a que todos temos direito; porém, a grande e importante questão é: têm condições de provar biblicamente essa crença? Entretanto, primeiramente, teriam que provar que, de fato, foi João Evangelista o autor do Evangelho que leva seu nome, porquanto, atualmente a crítica bíblica trata-o como pseudoepígrafo.

Mas será que a tradição pode se opor aos fatos? Jesus não dizia aos escribas e fariseus: “*Jeitosamente rejeitais os preceitos de Deus para guardardes a vossa própria tradição*” (Marcos 7,9)? Ora, poderíamos transmutar essa fala para “*Jeitosamente rejeitais os fatos para guardardes a vossa própria tradição*”, pois é exatamente isso que se faz quando se apega à tradição rejeitando os fatos.

Além disso, apelar-se à tradição torna-se um argumento pouco convincente

---

<sup>5</sup> CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 6, p. 541.

<sup>6</sup> CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 2, p. 511.

diante do que atualmente se sabe dos próprios autores dos Evangelhos. Alguns estudiosos não mais consideram os nomes constantes dos títulos dos Evangelhos como sendo os de seus verdadeiros autores, conforme alhures o demonstramos (<sup>7</sup>), já que, àquela época, era comum escritores desconhecidos utilizarem-se do expediente de mencionar como autor o nome de alguém de destaque, visando prevalecer como verdadeira a sua narrativa.

Aliás, em Atos dos Apóstolos, se afirma que tanto ele, João, quanto Pedro, “*eram homens iletrados e incultos*” (Atos 4,13), portanto, aí se tem a prova incontestada, de que João não pode ter sido o autor do Evangelho que contém o seu nome e nem mesmo as três cartas que lhe são atribuídas.

O Apocalipse, extremamente simbólico e em grego, muito menos provável ser de sua autoria. Sobre isso vejamos em ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, com a Bíblia foi manipulada***, o autor Pepe Rodríguez (1953- ), jornalista de investigação, especializou-se em religiões comparadas, explica:

[...] Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que **o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o Ancião, um grego cristão** que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que **conseguiu obter de João, o Sacerdote, identificado como “o discípulo amado” de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada.** [...] (<sup>8</sup>) (grifo nosso)

Merece destaque, por ser interessante e pertinente ao nosso tema, que aqui Rodríguez deixa bem claro que “[...] **João, o Sacerdote, identificado como ‘o discípulo amado’ de Jesus (mas que não é João Zebedeu)**, um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada.” (<sup>9</sup>) (grifo nosso)

Para corroborar essa informação, que muito poucos confrades têm conhecimento, trazemos a obra ***Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia***, de autoria do já mencionado exegeta Ehrman, especialista em Novo Testamento:

Embora evidentemente não seja o tipo de coisa que os pastores costumem contar às suas congregações, há mais de um século existe **um forte consenso de que muitos dos livros do Novo Testamento não foram**

<sup>7</sup> NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/viewdownload/7-assuntos-biblicos/405-os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores>.

<sup>8</sup> RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica como Bíblia foi manipulada*, p. 65-66.

<sup>9</sup> RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica como Bíblia foi manipulada*, p. 65-66.

**escritos pelas pessoas cujos nomes estão ligados a eles. [...].**

[...].

Por que surgiu a tradição de que esses livros foram escritos por apóstolos e por companheiros dos apóstolos? **Em parte de modo a garantir aos leitores que eles foram escritos por testemunhas oculares e companheiros das testemunhas oculares.** Uma testemunha ocular merece a confiança de que iria contar a verdade sobre o que realmente aconteceu na vida de Jesus. Mas a realidade é que não é possível confiar em que as testemunhas ofereçam relatos historicamente precisos. Elas nunca mereceram confiança e ainda não merecem. Se testemunhas oculares sempre fizessem relatos historicamente precisos, não teríamos a necessidade de tribunais. Quando precisássemos descobrir o que realmente aconteceu quando um crime foi cometido, bastaria perguntar a alguém. Casos reais demandam muitas testemunhas, porque seus depoimentos diferem entre si. Se duas testemunhas em um tribunal divergissem tanto quanto Mateus e João, imagine como seria difícil chegar a um veredicto.

**A verdade é que todos os Evangelhos foram escritos anonimamente, e nenhum dos autores alega ser uma testemunha. Há nomes ligados aos títulos dos Evangelhos (“o Evangelho segundo Mateus”), mas esses títulos são acréscimos posteriores aos próprios livros,** conferidos por editores e escribas para informar aos leitores quem os editores achavam que eram as autoridades por trás das diferentes versões. Que os títulos não são originalmente dos Evangelhos é algo que fica claro com uma simples reflexão. Quem escreveu Mateus não o chamou de “Evangelho segundo Mateus”. As pessoas que deram esse título a ele estão dizendo a você quem, na opinião delas, o escreveu. Autores nunca dão a seus livros o título de “segundo fulano”. <sup>(10)</sup> (grifo nosso)

E, hoje em dia, com mais informações que temos das manipulações dos textos bíblicos, dos seus conflitos e divergências, uma boa parte, se não a maioria, dos adeptos e defensores da “crítica textual” já não os aceitam como verdadeiros, o que nos faz também buscar estudiosos e exegetas bíblicos mais sintonizados com essa nova realidade, pois alguns deles estão totalmente aprisionados aos dogmas de sua igreja.

Vejamos, por exemplo, o que os tradutores da ***Bíblia de Jerusalém*** dizem a respeito dos Evangelhos Sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – escritos em grego, é bom que se diga:

**“[...] Isso não significa entretanto que cada um dos fatos ou dos ditos que eles noticiam possa ser tomado como reprodução rigorosamente exata do que aconteceu na realidade.** As leis inevitáveis de todo testemunho humano e da sua transmissão dissuadem de esperar tal exatidão material, e os fatos contribuem

---

<sup>10</sup> EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia*, p. 118-120.

para esta precaução, pois **vemos o mesmo acontecimento ou a mesma palavra de Cristo transmitida de modo diferente pelos diferentes evangelhos**. Isso, que vale para o conteúdo dos diversos episódios, vale com mais forte razão para a ordem segundo a qual eles se encontram organizados. [...]” (11) (grifo nosso)

Observa-se que sabem da realidade, mas por motivos puramente dogmáticos os fazem amenizar as divergências e inconsistências dos relatos, mantendo-os como “reprodução exata do que aconteceu na realidade”, já que, como dito por eles mesmos, muitos foram transmitidos de forma diferente.

Vejamos esta passagem que é bem interessante:

Marcos 10,35-41: *“Então, se aproximaram dele **Tiago e João, filhos de Zebedeu**, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir. E ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado? Disseram-lhe: Podemos. Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo e recebereis o batismo com que eu sou batizado; quanto, porém, ao **assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compele concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado**. Ouvindo isso, indignaram-se os doze contra Tiago e João.”*

Também vamos encontrar essa narrativa em Mateus (20,20-24); só que nela o pedido é feito pela própria mãe e não pelos dois filhos, o que é mais uma boa demonstração da existência de sérios conflitos nos textos bíblicos; mas, por agora, o nosso caso é bem outro. Não seria, nessa passagem, um bom momento para se demonstrar que, para Jesus, João era o “discípulo amado”, prometendo-lhe um lugar também de destaque no mundo espiritual?

Analisando os textos dos Evangelhos, percebe-se que, estranhamente, somente no Evangelho Segundo João é que aparece essa designação, o qual, segundo os entendidos nos informam, foi escrito tardiamente, por volta dos anos 90 d.C. Podemos, para atender que “a Bíblia interpreta a si mesma”, utilizando-nos do jargão comum aos cristãos tradicionais, tentar descobrir quem será esse “discípulo amado”.

John Dominic Crossan (1934- ), em *Quem matou Jesus?*, ao afirmar “do não nomeado Discípulo Amado” (12), deixa bem claro que o autor do Evangelho Segundo João não o identifica, em momento algum. Podemos, para atender que “a Bíblia interpreta a si mesma”, utilizando-nos do jargão comum aos cristãos tradicionais, tentar descobrir quem seria esse tal de “discípulo amado”.

<sup>11</sup> Bíblia de Jerusalém, *Os Evangelhos Sinópticos, Introdução*, p. 1693-1694.

<sup>12</sup> CROSSAN, *Quem Matou Jesus?*, p. 240.

**O primeiro candidato**, poderíamos tê-lo em Simão Pedro, pois, conforme Ehrman, em *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, se tem que: “[...] Dentre eles, escolheu doze para serem seus discípulos mais próximo, sendo Simão Pedro o chefe desse grupo” (13) e “Como fato histórico, parece que o discípulo mais próximo de Jesus era Pedro.” (14) Entretanto, nas passagens João 20,2, 21,7 e 21,20, os dois são mencionados, eles estão juntos, o que faz com que Pedro não seja o discípulo amado.

**O segundo candidato** que nos surge é Lázaro, irmão de Marta e Maria, pois é no próprio Evangelho de João que expressamente se diz que Jesus “amava” Lázaro, e pelo qual chorou (João 11,35-36), embora seu nome seja citado apenas mais uma vez depois de seu retorno à vida, pela ação de Jesus (João 12,1-11).

Em *A Face Oculta de Jesus*, o escritor Mariano Fernández Urresti, de nacionalidade espanhola, graduado em História e Geografia, diz algo interessante: “[...] a frase mencionada anteriormente, segundo a qual ele era ‘aquele a quem Jesus ama’, pode recair sobre o famoso ‘discípulo amado’ de Jesus, que **não seria ninguém mais, ninguém menos que Lázaro.** (15) (grifo nosso)

**O terceiro candidato**, seria Tiago, o irmão do Senhor. Pode até ser que possamos estar enganados, mas se o discípulo amado fosse, de fato, um dos doze ter-se-ia, certamente, citado o seu nome, assim indefinido, como no-lo apresentam, só faz sentido se não ele fizer parte desse grupo, não poderia aparecer um 13º discípulo. E aí, entra em cena Tiago, como o mais provável candidato, que num dado momento, que não se pode precisar, tornou-se discípulo de seu irmão Jesus.

Podemos evidenciar essa nossa hipótese tomando da seguinte passagem do Evangelho segundo João:

João 19,25-27: *“E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. **Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí a tua mãe.** Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.”*

Nesse relato, só faz sentido utilizar as expressões “eis aí o teu filho” e “eis aí a tua mãe”, que claramente estabelece relação de parentesco consanguíneo entre os envolvidos, se o “discípulo amado” fosse Tiago, o irmão do Senhor, conseqüentemente teríamos uma boa justificativa para o fato dele, segundo o texto, estar ao pé da cruz, junto a Maria de Nazaré, sua mãe, e também o motivo pelo qual ele, posteriormente, “a tomou para casa”, ou seja, passou a acompanhá-la, como lhe orientara o seu irmão

<sup>13</sup> EHRMAN, *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, p. 56.

<sup>14</sup> EHRMAN, *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, p. 61.

<sup>15</sup> URRESTI, *A Face Oculta de Jesus*, p. 66.



Jesus.

Ademais, se essas expressões se referissem a João, como querem os que se apegam às tradições, forçosamente teríamos que considerar que Jesus tenha preterido a seus próprios irmãos, citados como sendo Tiago, José, Simão e Judas (Mateus 13,55), na nobre missão de cuidar de Maria, sua mãe.

Que nos expliquem, apoiados na Bíblia e com argumentos lógicos, por qual razão não foi algum deles que teve a missão de cuidar da mãe e, sim, João Evangelista que nem sequer parente era. Inclusive, parece-nos que ele era o mais moço entre os discípulos, o que também não deixa de ser um fato curioso.

Por outro lado, seria importante que se demonstrasse algum outro texto bíblico, fora esse passo que mencionamos, que a utilização das palavras “mãe” e “filho” tenham sido empregadas sem que os personagens envolvidos tivessem relação de parentesco.

Ao se aceitar que o “discípulo amado” seja outro, que não Tiago, o irmão de Jesus, é desconsiderar o teor desse texto para ajustá-lo à tradição, comum às crenças dogmáticas, que, muitas vezes, contradizem os fatos narrados nos textos bíblicos.

Ademais, considerando que, após Jesus ser preso, todos os discípulos fugiram (Mateus 26,56; Marcos 14,50), corroboramos a fuga deles em **Como Jesus se tornou Deus**, onde Bart D. Ehrman, explica:

**[...] nossas fontes primitivas são bastante claras quanto aos discípulos homens teriam fugido do local e não estarem presentes na crucificação de Jesus.** Conforme afirmei antes, isso pode muito bem ser um fato histórico – **os discípulos temeram pela própria vida e foram se esconder ou escapuliram da cidade a fim de evitar a prisão.** Para onde iriam: Presumivelmente, para casa, para a Galileia – que ficava a mais de cento e cinquenta quilômetros e levaria pelo menos uma semana para se chegar a pé. [...]. <sup>(16)</sup> (grifo nosso)

**[...] Além do mais, se é verdade que os discípulos fugiram de Jerusalém para a Galileia quando Jesus foi preso, e que foi lá que alguns deles o “viram”,** não poderiam tê-lo visto na manhã do primeiro domingo depois da sua morte. Se fugiram na sexta-feira, não poderiam viajar no sábado, o sabá; e, uma vez que Jerusalém fica a cerca de duzentos quilômetros de Cafarnaum, sua antiga cidade de domicílio, levaria pelo menos uma semana para chegarem lá a pé. [...].” <sup>(17)</sup> (grifo nosso)

Essa fuga “em massa” é perfeitamente compreensível. Entretanto, por um mínimo de lógica, é pouco provável que algum deles, por ser cidadão comum e não

---

<sup>16</sup> EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 227.

<sup>17</sup> EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 236.



um membro de um grupo de guerreiros treinados para luta, tivesse coragem suficiente para estar presente na sua crucificação, o que, por ser mais razoável, se poderia esperar de alguém que tivesse algum parentesco com Jesus, no caso, Tiago, o *Justo*.

Entretanto, pelo relatado nos sinópticos, a lista dos que presenciaram a crucificação não é ponto tão pacífico assim, ao vermos a disposição das pessoas, quando do momento da crucificação:

Mateus 27, 55-56: “**Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem; entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu.**”

Marcos 15,40-41: “**Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé; as quais, quando Jesus estava na Galileia, o acompanhavam e serviam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém.**”

Lucas 23,49: “Entretanto, **todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galileia permaneceram a contemplar de longe estas coisas.**”

Em relação às pessoas presentes, Mateus e Marcos apontam somente mulheres; Lucas, além delas, também coloca “todos os conhecidos”, algo indefinido, que pode ser homens e mulheres. O relato de Lucas, pela “Bíblia Tradução Ecumênica – TEB”, afirma tratar-se de “todos os seus familiares” em vez de “todos os conhecidos”, o que nos parece mais plausível.

O que nenhum dos três autores afirma é que havia algum discípulo entre essas pessoas. E mais, diferentemente de João, todos dizem que elas contemplavam “de longe”; portanto, segundo esses autores, sejam eles quem forem, não havia ninguém ao pé da cruz, como diz o autor do Evangelho de João, e que, no episódio, ainda enxerta o enigmático “discípulo amado”.

É fato notório que, depois da prisão de Jesus, somente há registro da movimentação dos discípulos no domingo de manhã, quando várias mulheres se dirigem ao túmulo e não encontram o corpo de Jesus, espalhando a notícia a todos.

Enquanto Mateus e Marcos não falam de algum discípulo ter ido ao sepulcro, Lucas diz que apenas Pedro foi (Lucas 24,12) e o autor de João, indo mais além, narra que “*Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava*” (João 20,1-11) correram ao sepulcro para se certificar.

Diante de tanto conflito, como saber em qual dos Evangelhos consta a verdade? Mas, deixando fluir a criatividade, podemos supor que, talvez, o verso tivesse, na

fonte original, o seguinte teor: *“Simão Pedro, a quem Jesus amava.”*

Em Mateus, se afirma que os onze discípulos seguiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes designara, pela orientação dada pelo anjo (Mateus 28,16) e lá apareceu a eles. Em Marcos, se diz que a aparição de Jesus aos onze se deu quando estavam reunidos à mesa, sem especificar em casa de quem (Marcos 16,14).

E, finalmente, em João, também não se esclarece onde estavam reunidos; porém, diz-nos somente que *“trancadas as portas da casa onde **estavam os discípulos com medo dos judeus**”* (João 20-19). Assim, fica comprovado, no próprio Evangelho Segundo João, que, após a fuga desesperada deles, quando da prisão de Jesus, os discípulos só voltaram a se reunir no primeiro dia da semana após a sua ressurreição.

Por outro lado, a identificação desse “discípulo amado” como sendo Tiago, também explica, sem qualquer dificuldade, o fato de, na ceia, ele estar ao lado de Jesus, recostado no seu seio, e no domingo de manhã ter ele, como sendo o nosso personagem “discípulo amado”, se dirigido ao túmulo, onde depositaram o seu corpo, fatos narrados nessas passagens:

João 13,23: *“Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, **aquele a quem ele amava.**”*

João 20,2: *“Então, corre e foi ter com Simão Pedro e com **o outro discípulo, a quem Jesus amava**, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram.”*

João 21,20: *“Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo **o discípulo a quem Jesus amava**, o qual na ceia se inclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor?”*

Diante disso, para nós, Tiago, dentro de todas as possibilidades, é um forte candidato a ser o “discípulo amado”, pois as passagens, a nosso ver, oferecem indícios que apontam em sua direção, embora não tenhamos como precisar a data em que ele se tornara discípulo de seu irmão Jesus. Claro, haverá quem proteste quanto a isso.

No Evangelho Segundo João, a primeira passagem que menciona a designação de “discípulo amado” é no passo João 13,23. Vejamos, por curiosidade, o teor dela por algumas outras versões bíblicas:

Tradição Novo Mundo: *“Recostava-se na frente do seio de Jesus **um dos seus discípulos, e Jesus o amava.**”*

Paulinas 1957: *“Ora, **um dos seus discípulos, ao qual Jesus amava**, estava recostado sobre o seio de Jesus.”*

Bíblia do Peregrino: **“Um dos discípulos estava reclinado à direita de Jesus, o predileto de Jesus.”**

Bíblia de Jerusalém: **“Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava.”**

Bíblia Barsa: **“Ora um dos seus discípulos, ao qual amava Jesus, estava recostado à mesa no seio de Jesus.”**

Bíblia Shedd: **“Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava.”**

O que se percebe nessas traduções é a incerteza quanto ao que, de fato, ocorreu, dado aos diversos empregos da expressão “que Jesus amava”, pois, num momento é alguém sem qualquer destaque, enquanto em outro colocam-no como se fosse um privilegiado perante os demais.

Vejam os que, em nota de rodapé, os tradutores bíblicos – **Bíblia do Peregrino, Bíblia de Jerusalém e Bíblia Shedd** – explicam a respeito dessa passagem:

O anúncio da traição se apresenta numa cena dramática que permite contrapor ao traidor o “discípulo predileto” de Jesus. É a primeira vez que a expressão aparece e se repetirá a seguir. **O texto bíblico dá indícios não muito seguros para identificá-lo; uma tradição muito antiga o identificou com João evangelista.** O que podemos dizer é que era uma personagem respeitada nas comunidades onde se escreveu ou se cristalizou o evangelho. <sup>(18)</sup> (grifo nosso)

[...] O “discípulo que Jesus amava” aparece aqui pela primeira vez sob essa **designação enigmática** (cf. 19,25; 20,2; 21,7.20.24). <sup>(19)</sup> (grifo nosso)

**Aquele a quem ele amava.** Tradicionalmente se identifica com João, filho de Zebedeu e autor deste evangelho. **Podia também ter sido seu irmão Tiago (21,2), que foi martirizado em 44 d.C.** (At 12,2). <sup>(20)</sup> (grifo nosso)

Destaca-se a honestidade dos tradutores, alguns deles possuidores de grande conhecimento bíblico e da história do cristianismo, em não terem como certa a identificação do “discípulo amado” como sendo João.

Ressaltamos que Russell P. Shedd (1929-2016), conceituado teólogo evangélico, PhD em Novo Testamento e editor da *Bíblia Shedd*, autor da última transcrição, ainda nos aponta Tiago, o irmão de Jesus, como sendo a pessoa provável, fato que corresponde a uma de nossas hipóteses.

<sup>18</sup> *Bíblia do Peregrino*, nota 13,21-30, p. 2594.

<sup>19</sup> *Bíblia de Jerusalém*, nota 13,23, p. 1878.

<sup>20</sup> *Bíblia Shedd*, nota 13,23, p. 1511.

Geza Vermes (1924-2013), considerado um dos maiores especialistas acadêmicos em Manuscritos do Mar Morto e história do cristianismo, explicando as fontes dos Evangelhos, em **A Paixão**, nos traz uma informação bem interessante:

**A identidade do evangelista João não pode ser verificada.** Exceto pelo título “segundo João”, do capítulo 1 ao capítulo 20 o próprio Evangelho não menciona autor. **No capítulo 21, alguém diferente do evangelista tenta mostrá-lo como “o discípulo amado de Jesus”.** Esta sugestão supõe tacitamente que o pescador galileu João, filho de Zebedeu é testemunha ocular do ministério de Jesus, foi o quarto evangelista. <sup>(21)</sup> (grifo nosso)

O “tenta mostrá-lo como o discípulo amado” é ótimo, pois corrobora o que estamos encontrando a respeito desse personagem.

Em **Apócrifos II: os proscritos da Bíblia**, no capítulo Evangelho de Felipe, considerado um dos vários livros apócrifos <sup>(22)</sup>, encontramos algo bem interessante:

"55. A Sofia – a quem chamam 'a estéril' – é a mãe dos anjos; a companheira [de Cristo é Maria] Madalena. **[O Senhor amava Maria] mais do que a todos os discípulos** [e] a beijou na [boca repetidas] vezes. Os demais [...] lhe disseram: 'Por que a queres mais que a todos nós?' O Salvador respondeu e lhes disse: 'A que se deve isso, que não vos quero tanto quanto a ela?'" <sup>(23)</sup> (grifo nosso)

Maria Madalena poderia ser uma terceira alternativa para a identificação do “discípulo amado”, pois, certamente, era uma “discípula” de Jesus. Para podermos explicar melhor, transcrevendo novamente:

João 19,25-27: “25. **E junto à cruz** estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. 26. **Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado**, disse: Mulher, eis aí teu filho. 27. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.”

À primeira vista, sem entrar em algum detalhe, vemos que é unicamente em João que se faz presente um discípulo (v. 27), e, da forma como está mencionado, mais parece tratar-se de uma outra pessoa do que dele mesmo.

Entretanto, numa análise mais aprofundada se percebe que existe evidente

<sup>21</sup> VERMES, *A Paixão*, p. 17.

<sup>22</sup> Apócrifos são os livros que foram escritos pelo povo de Deus, mas não foram considerados pelo Magistério da Igreja como revelados pelo Espírito Santo; portanto, não são canônicos, isto é, não fazem parte do cânon (índice) da Bíblia. As razões que levaram a Igreja a não considerá-los como Palavra de Deus é que muitos são fantasiosos sobre a Pessoa de Jesus e sobre outros personagens bíblicos. Além disso, muitos destes possuem até heresias como o gnosticismo. No entanto, neles há algumas verdades históricas, e isso faz a Igreja considerá-los importantes nos estudos. (Fonte: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/o-que-sao-livros-apocrifos/>)

<sup>23</sup> TRICCA, *Apócrifos II: os proscritos da Bíblia*, p. 188.

contradição no relato, pois o autor, ao descrever os que estavam junto à cruz, relata que o grupo era composto apenas de mulheres (v. 25), como, então, ele faz surgir, como num espetacular passe de mágica, esse “discípulo” (v. 27)?

Ademais, também foram as mulheres que se dirigiram ao túmulo de propriedade de José de Arimateia para conferir como o corpo de Jesus havia sido depositado e, novamente, foram elas que prepararam aromas e óleos perfumados, sem ajuda de um só discípulo (Lucas 23,55-56).

Surge-nos uma ideia, pode até ser considerada um tanto maluca, mas vamos lá. Levando-se em conta o fato da presença só de mulheres (v. 25), os dois versos seguintes fariam mais sentido se tivessem o seguinte teor: “*Vendo Jesus sua mãe e junto a ela a **discípula amada**, disse: Mulher, eis aí **tua filha**. Depois, disse à **discípula**: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, a **discípula** a tomou para casa.*”

A mudança para o gênero feminino se justifica pelo fato de Maria Madalena estar junto à cruz e conforme veremos um pouco mais à frente, quando citarmos o *Evangelho de Felipe*, Jesus a amava mais que aos discípulos. E, coincidência ou não, foi a ela quem Jesus apareceu pela primeira vez (Marcos 16,9; João 20,11-18). Isso evidencia a importância dela para Jesus, pois o que se era de esperar é que ele aparecesse primeiro à sua mãe.

Por outro lado, todos nós sabemos do machismo exacerbado da cultura judaico-cristã, na qual “mulher não tinha vez”, tanto é que nenhuma foi designada de discípula de Jesus apesar de, conforme os textos dos evangelhos, várias mulheres o seguirem, fora é claro, os interesses dogmáticos dos padres do cristianismo primitivo que deram causa a algumas adulterações dos relatos bíblicos.

O que está registrado no *Evangelho de Felipe* provavelmente era o pensamento dominante àquela época, em que os outros discípulos enciumados tinham que Jesus a amava mais do que a todos. Entretanto, diante da resposta, em que o Mestre afirma amar a todos da mesma forma, fica desfeito o suposto privilégio dela ou de qualquer um outro discípulo, a não ser que o relacionamento dela com Jesus fosse mais íntimo, quem sabe até fosse mesmo sua esposa, como alguns acreditam, embora não apresentem provas históricas disso.

O pesquisador José Lázaro Boberg (1942- ), em ***O Evangelho de Maria Madalena***, apresenta-nos várias hipóteses sobre o paradeiro de Maria Madalena após a ressurreição de Jesus, dentre elas destacamos estas duas:

**Igreja ortodoxa grega** – Segundo esta igreja, Maria Madalena agora, considerada santa, viajou para Éfeso, na atual Turquia, após a morte de Jesus,

junto a Maria, mãe de Jesus, vindo a falecer lá. [...]” (24)

**Na tradição católica**, Maria Madalena morreu em Éfeso, onde residia com Maria, a mãe de Jesus, e João, o “suposto” autor do quarto Evangelho. [...]” (25)

Interessante a afirmação de que Maria Madalena viveu em Éfeso na companhia de Maria, mãe de Jesus, o que de certa forma confirma que ela atendeu ao pedido de Jesus, ora isso torna factível a nossa suposição dela um bom candidato a ser o “discípulo amado”. A tradição católica pode muito bem ter acrescentado João na convivência com Maria, mãe de Jesus, justamente para formar a ideia de que ele seria o “discípulo amado”, mas como já o dissemos, carece de base bíblica para essa identificação.

Não temos dúvida de que, no meio espírita, surgirão companheiros que farão de tudo para sustentar a ideia de que seja mesmo João Evangelista, quiçá apresentando a opinião de Espíritos, como se estes tivessem o dom da infalibilidade e, o pior, que no mundo espiritual já não mais alimentassem as suas crenças de quando encarnados. Iludidos seríamos se pensássemos que não se apresentarão aqueles que só acreditam no que querem ver.

Vamos adiantar um deles. Em **Boa Nova**, psicografado por Chico Xavier (1910-2002), autoria do Espírito Humberto de Campos, na lição 30, lemos este relato do acontecido minutos antes de Jesus fazer a recomendação de um e ao outro:

Deparou-se-lhe a figura de **João que, vencendo a pusilanimidade criminosa em que haviam mergulhado os demais companheiros**, lhe estendia os braços amorosos e reconhecidos. Silenciosamente, o filho de Zebedeu abraçou-se àquele triturado coração maternal. Maria deixou-se enlaçar pelo **discípulo querido** e ambos, ao pé do madeiro, em gesto de súplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cúmulo dos tormentos. [...]” (26) grifo nosso)

Primeiramente, devemos dizer que o próprio autor espiritual já situa a sua obra como tradições, informando que “[...] reconheci que os planos espirituais têm também o seu folclore. [...]”, e, logo após, confessa que “Dos milhares de episódios desses folclores do céu, consegui reunir trinta e trazer ao conhecimento do amigo generoso que me concede a sua atenção. [...]” (27)

Aliás, Humberto de Campos segue a tradição, pois considera como sendo João o discípulo que estava ao pé da cruz, como também confirma a fala de Jesus

<sup>24</sup> BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 145.

<sup>25</sup> BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 146.

<sup>26</sup> XAVIER, *Boa Nova*, p. 198.

<sup>27</sup> XAVIER, *Boa Nova*, p. 12.

mencionada em João 19,25-27.

A qualificação de “pusilanimidade criminosa”, muito nos estranhou, já que, a nosso ver, Espíritos de uma certa evolução espiritual jamais usariam dessa expressão, porquanto, implicitamente está condenando todos os discípulos por ter abandonado Jesus ao considerar essa atitude como “covardia criminosa”.

Ademais, nessa mesma obra, na lição 20, o autor espiritual Humberto de Campos retrata Maria Madalena como uma prostituta, fato abordado por Boberg (ver cap. 16, intitulado “Se não foi pecadora como ficam agora os escritos mediúnicos sobre ela?,”<sup>(28)</sup>), que demonstra sobejamente que isso não é verdade, pois ela jamais foi prostituta. Não há nada nos evangelhos canônicos em que se possa apoiar para dizer tal coisa de Maria Madalena.

Estávamos tendo alguma dificuldade para encontrar uma fonte mais antiga que nos auxiliasse no tema. Após várias buscas infrutíferas, acabamos por encontrá-la. Trata-se da obra ***História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã***, escrita por Eusébio de Cesareia (264-340 d.C.), que foi bispo de Cesareia e é considerado o “pai da história da Igreja”.<sup>(29)</sup> No cap. XXV, do Livro 7, dessa obra, Eusébio de Cesareia discorre sobre “O Apocalipse de João”, dizendo, a certa altura, sobre o exame que Dionísio, Bispo de Corinto, (viveu por volta do ano 171 d.C.) tinha feito desse livro, onde diz o seguinte:

“[...] Portanto, não nego que ele era chamado João e que esse era o escrito de um João. E concordo que também era obra de um homem santo e inspirado. **Mas não me seria fácil concordar que esse era o apóstolo João, o filho de Zebedeu, o irmão de Tiago, que é o autor do Evangelho e da epístola (geral) que leva o seu nome.** Mas presumo, tanto pelo conteúdo geral de ambos como pela forma e aspecto da composição, e **a execução do livro todo, que não seja dele.** Pois o evangelista jamais prefixa seu nome, jamais se proclama, seja no evangelho como em sua epístola.”

[...].

“Que é um João que escreveu essas coisas, precisamos crer nele, conforme ele diz; mas **não se sabe ao certo de que João se trata. Pois ele não disse que era, como faz com frequência no Evangelho, o discípulo amado do Senhor, nem aquele que se reclinou sobre seu peito, nem o irmão de Tiago, nem que ele mesmo viu e ouviu o que o Senhor fez e disse.** Pois com certeza teria dito um desses elementos, se desejasse fazer-se conhecido de maneira clara. Mas nada disso existe, ele só se denomina nosso irmão e companheiro e testemunha de Jesus, e bendito por ter visto e ouvido essas revelações. **Sou de opinião que havia muitos com o mesmo nome do apóstolo João,** os quais, por amor, admiração e imitação dele e por

<sup>28</sup> BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 155-169.

<sup>29</sup> Eusébio de Cesareia: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio\\_de\\_Cesareia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio_de_Cesareia).



desejo, ao mesmo tempo, de, como ele, serem amados do Senhor, **adotarem o mesmo nome do título, assim como encontramos o nome de Paulo e de Pedro sendo adotados por muitos dentre os fiéis.** <sup>(30)</sup> (grifo nosso)

Acreditamos que será novidade para muitos companheiros a afirmação de que João Evangelista não é o autor do Apocalipse, já que, por tradição (olha ela aqui novamente!), acompanham o que lhes foi ensinado em suas religiões de origem ou que confiam em tudo que muitos expositores e tradutores espíritas dizem.

Nos seus argumentos, o bispo Dionísio aceita João como autor do Evangelho e que nele estaria, com frequência, dizendo ser o “discípulo amado” e que foi ele quem se reclinou sobre o peito de Jesus. Provavelmente temos aqui algo bem próximo da origem da tradição, pois, a bem da verdade, João nunca fez relação dele mesmo com o “discípulo amado” e nem com aquele que reclinou sobre o peito de Jesus. O que nos parece é que essa tradição, por ser ainda anterior a Dionísio, acabou por também contaminá-lo.

Diante de tudo isso, o que fica claro, pelo menos para nós, é que o “discípulo amado” não era João, o evangelista, por absoluta falta de apoio nos textos bíblicos.

A todos os que, porventura, insistirem nessa tese cabe muito bem essa fala de Kardec: “A ideia preconcebida, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque então tudo vê e tudo ajusta a seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certamente não é esse o meio de chegar à verdade.” <sup>(31)</sup>

Tomando-se dos evangelhos sinópticos, nunca existiu o personagem “discípulo amado”, ele somente aparece no quarto evangelho. E aqui cabe muito bem essa declaração de São Jerônimo na carta-prefácio da Vulgata: “A verdade não pode existir em coisas que divergem.” <sup>(32)</sup>

Momentaneamente esquecendo-os, para ficarmos só com o relato do Evangelho de João, então, como vimos, apresentam-se quatro candidatos a “discípulo amado”: Pedro, Lázaro, Maria Madalena e Tiago, o justo, sendo este último o mais forte, por ser ele o único que cabe as duas falas atribuídas a Jesus: “Mulher, eis aí o teu filho.” e “Eis aí a tua mãe.” para mantermos coerência e lógica, uma vez que João Evangelista não poderia ter preferência para cuidar de Maria, em detrimento do próprio irmão de Jesus.

Podemos estar equivocados em nossa conclusão, mas se alguém nos apresentar algum argumento bíblico convincente, mudaremos de opinião, pois, como pesquisador, procuramos agir conforme o pensamento do poeta, escritor, historiador e

<sup>30</sup> CESAREIA, *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*, p. 273-274.

<sup>31</sup> KARDEC, *Revista Espírita de 1863. (PDF)*, p. 145-146.

<sup>32</sup> CHAVES, *A Face Oculta das Religiões*, contra-capá.

jornalista português Alexandre Herculano (1810-1877), que dizia: “Eu não me envergonho de corrigir meus erros e mudar de opinião, porque não me envergonho de raciocinar e aprender.”<sup>(33)</sup>

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Set/2015  
(versão 11 – set/2019)  
Revisor: Hugo Alvarenga Novaes

### Referências bibliográficas:

- A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB.* São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, ©1996.
- Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino.* São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Shedd.* São Paulo: Edições Vida Nova e Barueri, SP: SBB, 2005.
- CESAREIA, E. *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 6.* São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 2.* São Paulo: Hagno, 2005.
- CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões.* Santo André, SP: EBM Editora, 2011.
- EHRMAN, B. D. *Jesus existiu ou não?.* Rio de Janeiro: AGIR, 2012.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- KARDEC, A. *Revista Espírita de 1863.* (PDF) Rio de Janeiro: FEB, 2008.
- TRICCA, M. H. *O Apócrifos II: os proscritos da Bíblia.* São Paulo: Mercuryo, 1995.
- URRESTI, M. F. *A Face Oculta de Jesus.* São Paulo: Madras, 2014.
- VERMES, G. *A Paixão.* Rio de Janeiro: Record, 2007.
- XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz.* Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. *Boa Nova.* Rio de Janeiro: FEB, 1987.

### Internet

- Apócrifos, <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/o-que-sao-livros-apocrifos/>. Acesso em 15 ago. 2017.
- Eusébio de Cesareia: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio\\_de\\_Cesareia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio_de_Cesareia). Acesso em: 24 set. 2015.
- HERCULANO, A. Frase disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/MzUxMQ/>. Acesso em: 19 set. 2015.
- MONTORIL, M. Tiago Maior, o apóstolo de Jesus Cristo na Espanha, disponível em <http://montorilaraujo.blogspot.com.br/2011/07/tiago-maior-apostolo-de-jesus-cristo-na.html>.

---

<sup>33</sup> HERCULANO, Frase disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/MzUxMQ/>

Acesso em: 19 set. 2015.

NETO SOBRINHO, P. S. Os nomes dos títulos dos evangelhos designam seus autores?, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/viewdownload/7-assuntos-biblicos/405-os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores>. Acesso em: 19 set. 2015.

Artigo foi publicado:

- revista **Espiritismo & Ciência Especial**, nº 82. São Paulo: Mythos Editora, 2016, p. 18-31 (versão reduzida).